



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

CULTURA E TRABALHO: NARRATIVAS E PRODUÇÕES CULTURAIS QUE REVELAM COTIDIANOS E O PROTAGONISMO DE TRABALHADORES FERROVIÁRIOS NA REALIDADE HISTÓRICO- SOCIAL

Diego Vales Deslandes Ferreira*

1

Este texto¹ pretende perscrutar como as fontes produzidas no cotidiano por trabalhadores ferroviários traduzem seus modos de vida no local trabalho e no bairro onde residiam, bem como assinalar a formação de uma cultura inerente às experiências históricas por eles vividas. O bairro Horto Florestal, situado na região leste de Belo Horizonte, foi inicialmente constituído na década de 1920 em função da ampliação da EFCB (Estrada de Ferro Central do Brasil) em Minas Gerais. A partir de 1957 passou a fazer parte da RFFSA (Rede Ferroviária Federal S.A) no processo de reestruturação do transporte ferroviário nacional. Foram construídas duas grandes oficinas de manutenção e operação para trens de carga e de passageiros, além de uma estação ferroviária, fatores contribuintes à chegada de sujeitos das mais diversas regiões do estado. Uma parcela

* Graduado em História pela PUC-MG e mestre em Ciências Sociais pela PUC-MG. Professor do ensino secundário e superior em instituições particulares de Belo Horizonte. Consultor FAPEMIG (2012) - projeto *O Estado Novo e a regulação do trabalho: ações entre patrões empregados nas Juntas de Conciliação e Julgamento do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região, em Belo Horizonte, na década de 1940.*

¹ O presente texto teve como base as informações provenientes da dissertação de mestrado do autor intitulada “O Horto sobre os trilhos: mobilizações e modos de vida de trabalhadores ferroviários em um bairro belo horizontino”, finalizada em 2011.

significativa dos trabalhadores da RFFSA edificou uma gama de estratégias individuais e coletivas nos locais de trabalho e no bairro, cujo escopo era o alcance de uma realidade pautada em melhores condições de vida e trabalho. A história dos ferroviários em Belo Horizonte tangenciou e muitas vezes se confunde com a história do bairro Horto Florestal, haja vista que boa parte dos sujeitos ferroviários com funções nas oficinas fixadas no bairro viveu e ainda vive na localidade.

Desta maneira, é possível observar que a vivência cotidiana destes sujeitos foi elemento fundamental da cultura ferroviária. Nas últimas três décadas os estudos sobre a classe trabalhadora romperam as fronteiras das análises tradicionais existentes, o que levou a história do trabalho a passar por uma significativa revisão a respeito de seus padrões estruturais de análise. A ênfase em atributos como cultura e consciência capacitou as pesquisas a ampliarem o universo sócio-cultural e histórico da classe trabalhadora, evitando a instrumentalização das mobilizações. Amparou-se na investigação contextualizada dos modos de vida, questionando a eficácia de abordagens limitadas a modelos quantitativos (COSTA, 1990).

Cultura e trabalho são abordagens que não devem prescindir a análise contextual da situação estudada. Os estudos da história social do trabalho apontam para variados fatores na relação entre o cotidiano do trabalho e as formas culturais assumidas pelos sujeitos do trabalho. Dentre eles, os estabelecidos na peculiaridade das interações dentro do grupo, na comunhão de interesses por melhores condições de vida e trabalho, nos laços de solidariedade, nos graus de organização em busca de seus objetivos e nas interferências estruturais historicamente delineadas. Torna-se imprescindível compreender também as contradições, a flexibilidade de opiniões e a heterogeneidade de necessidades e desejos inerentes à experiência de trabalho e de lutas da classe trabalhadora. Considerar a multiplicidade das atitudes, as orientações político-ideológicas e a influência dos fatores estruturais na constituição da classe trabalhadora é reconhecer as experiências humanas materializadas no dia-a-dia, numa intensa (re) construção de atitudes e significados diante o contexto vivido.

O COTIDIANO E SUAS PRODUÇÕES COMO ELEMENTO CONSTITUINTE DA CULTURA DE CLASSES

Fundamentando-se na crítica da história social às proposições sociológicas e históricas tradicionais, cuja compreensão sobre a classe trabalhadora é entendida como um conjunto de elaborações herméticas e estáticas, deve-se pontuar a existência de uma cultura entre os ferroviários estudados, tomando por base seu cotidiano no trabalho e na convivência existente dentro do bairro. Discursos que homogeneizam a formação e a organização das classes trabalhadoras, compreendendo-as como receptáculos das diretrizes do capital, devem ser passíveis de debates mais cuidadosos, pois o importante a ser observado é em que medida os sujeitos que compõem as classes constroem e assimilam vivências, ações e significados. Este caminho possibilita o encontro de vestígios que informam ao pesquisador referências sobre a formação de uma cultura.

A cultura, deste modo, é um fenômeno heterogêneo e dialético, um todo constituído por propriedades diferenciadas, que se faz através da comunhão e do conflito entre componentes do grupo e de suas demandas enquanto membros da classe. Entre os ferroviários estudados, evidencia-se um campo de conflitos pela hegemonia de discursos e recursos que representassem os anseios e os interesses da categoria e da classe trabalhadora – como, por exemplo, nas disparidades entre a diretoria do sindicato dos ferroviários, os membros do MUF (Movimento de União dos Ferroviários), grupo informal de oposição sindical, e trabalhadores contrários a estes dois grupos e a qualquer tipo de organização reivindicatória. A categoria legitimou a internalização de valores, formas de organização e hábitos em um processo que se modificou segundo a releitura exercida pelo coletivo da realidade vigente. A dinâmica própria da organização ferroviária, somada ao funcionamento das estruturas sociais, resultaram na ressignificação e na renegociação de pontos de vista, valores e práticas estabelecidas. A comunhão de experiências, reproduzida e formulada na fábrica e no bairro, propiciou uma identidade de interesses diferenciada dos interesses de outros grupos.

Evidencia-se que para compreender a constituição da cultura da classe trabalhadora é necessário voltar-se para a diversidade das atitudes sociais em seus contextos, por meio da qual se pode ponderar o caráter irregular e conflituoso que permeia seu universo de regras, valores e costumes. De acordo com Cláudio Batalha

(2004) a cultura é a base do processo unificador da sociedade e deve ser apontada mais a um campo de discussão a um conceito. Sua homogeneização, porém, acaba por solapar a noção de classe, pautada na diferença e no conflito. O autor baliza a cultura não como operação por si própria, sem a ação de agentes históricos e sem relação com o universo político, mas uma negociação contínua e conflituosa com a cultura dominante, contestando e sustentando sistemas de poder, além de refletir a criatividade do trabalhador em suas atuações de resistência.

A identificação entre os sujeitos nas oficinas e no bairro Horto Florestal não se resume a uma orientação de interesses totais em comum, mas em meio às diferenças sócio-culturais entre eles emergiram condições materiais e subjetivas semelhantes capazes de fazê-los se colocarem como pares. Os processos histórico-sociais vividos pelos trabalhadores das oficinas também refletiram nas formas de representar e de organizar o território. As relações de vizinhança e no ambiente de trabalho incutiram práticas de reciprocidade entre os próprios ferroviários e deles para com os moradores do bairro, sinalizando vivências singulares repletas de conflitos e cooperação que resultam na produção de associações e instrumentos de reivindicação diversos.

4

A RELEVÂNCIA DAS FONTES NO DESCORTINAMENTO DO UNIVERSO DOS MODOS DE VIDA DOS FERROVIÁRIOS

Para o estudo das experiências de ferroviários em Belo Horizonte é necessário recobrar o tema da memória e das múltiplas fontes de pesquisa. As narrativas orais e escritas imprimem uma prática social comum à condição humana: dar sentido ao mundo. A função de significar operada pelos trabalhadores se dá a partir das vivências calcadas nas determinações políticas e econômicas e em suas leituras dos contextos em questão. As ciências humanas, em especial a história e as ciências sociais, têm dado maior atenção a temas, métodos e objetos diferenciados afim de propor novas perspectivas de estudo. Reelaborou-se, deste modo, o campo de debate, focando questões como o imaginário, representação e cultura e tangenciando a utilização de novas fontes e formas de interpretação das mesmas, sobremaneira em questionamentos quanto ao significado das escolhas dos objetos e quanto à neutralidade do pesquisador.

A observação e a compreensão das motivações, valores, impressões, representações e atitudes dos sujeitos abriram espaço para utilização de uma variedade de testemunhos documentais para uma discussão holística das relações histórico-sociais. O objeto deveria ser “escavado” em suas evidências materiais e imateriais, produzidas pelos sujeitos em seu dia-a-dia. Sugere-se, com isto, o encontro de visões, imagens e percepções das pessoas sobre a realidade: as pastas funcionais da RFFSA, documentações oficiais, nas quais a empresa descrevia toda a vida do funcionário, entrecruzam-se com fotografias, boletins, petições individuais, jornais da categoria, músicas produzidas nos bares do bairro e a oralidade, narrativas desconsideradas ou negligenciadas pela história tradicional - fontes que descortinam modos de vida não apresentados pelas descrições tradicionais -. Seguindo a temática das vivências dos sujeitos sob a orientação da valorização de diversos tipos de testemunhos, Raphael Samuel (1991) defende inflexões analíticas, cujo intento é tornar a história humana mais perturbadora, levando em conta a variabilidade das experiências humanas. Afirma que a dor, os medos, as injúrias e os conflitos dos indivíduos e dos grupos podem ser resgatados do passado, possibilitando a visão da sociedade em seu conjunto e suas diferentes dimensões.

A guisa destas discussões, a memória é um elemento de discussão essencial ao entendimento de fenômenos histórico-sociais por fornecer olhares e percepções de pessoas e de grupos que podem confrontar e/ou confirmar abordagens sobre a realidade. Materializada no testemunho oral e nos fragmentos das produções culturais dos trabalhadores, tais quais os boletins do sindicato dos ferroviários e do MUF (Movimento de União dos Ferroviários), os panfletos, as músicas, as fotografias e as petições, a memória fornece vestígios que resgatam parte das vivências dos sujeitos e explicitam sua importância nas dinâmicas da classe trabalhadora. Construindo e reproduzindo a história por materiais de produção própria, as pessoas lembram, rememoram, inventam e ressignificam um tempo que passou. As narrativas dos ferroviários, por meio das fontes produzidas pelos mesmos, em contato com as fontes oficiais – pastas funcionais da empresa e materiais periódicos - trouxeram à tona uma responsabilidade da oralidade na transmissão de experiências elaboradas num tempo e suas relações com o cotidiano do presente. As falas dos trabalhadores, em especial, propuseram um diálogo às vezes conflituoso entre tempos e condições políticas -

passado, presente, pressupostos individuais e coletivos – e conservaram informações fornecedoras de sentido. O lugar social de onde falou o trabalhador e o tempo no qual a narrativa foi realizada reelaboram os significados de acontecimentos. Para tanto, as lembranças se fundamentaram em fragmentos mnemônicos articulados entre múltiplos tempos e espaços, sendo a memória oral, portanto, mais que o simples ato de recordar: ela é uma elaboração sobre o passado contextualizada a favor do tempo e do contexto narrativo presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das questões propiciadas pelo tempo presente, em suas demandas e vicissitudes, a história estabelece novos questionamentos a interpretações sobre o passado. A dinâmica das sociedades atuais evoca uma multiplicidade de fenômenos calcados em permanências e transformações na realidade social e que resultam em processos cada vez mais complexos aos olhos do pesquisador. A presente realidade vivida pelos ferroviários em Belo Horizonte instiga o retorno a contextos passados, no intuito de se interpelar os processos sócio-históricos responsáveis pela produção e pela reprodução de experiências que imprimiram a marcação de um tempo em relação à história destes sujeitos. Coube a este pequeno estudo discutir parte desta história, lançando mão das relações dialéticas que abarcam as dimensões materiais e morais da vida social por meio de fontes produzidas “espontaneamente” no dia-a-dia.

Na condução deste pressuposto é possível afirmar que uma parcela significativa dos trabalhadores da RFFSA edificou uma gama de estratégias individuais e coletivas dentro e fora dos seus locais de trabalho, cujo escopo era o alcance de uma realidade pautada em melhores condições de vida e trabalho. Somente uma mínima parcela dos estudos sobre a categoria ferroviária no Brasil e em Belo Horizonte tratou das experiências dos ferroviários de forma a aprofundar em suas vivências e em sua constituição cultural. Apesar de a categoria em Belo Horizonte ter sido abordada em determinadas situações, percebe-se a maneira generalizada como tais análises foram realizadas. Estes trabalhadores são sujeitos de memória e produtores de memória, lembram e ressignificam suas histórias segundo as experiências concretas vividas em múltiplos tempos. Abrir espaço a narrativas e a fontes diversas produzidas pelos

ferroviários possibilita maior compreensão sobre contextos históricos vividos, descritos e interpretados. São pontos de vista que ora corroboram ora contradizem os registros oficiais. As vivências no bairro dialogam com as vivências na fábrica e engendram um universo de sentidos e atitudes que se encontram e se assemelham diante as situações ocorridas no coletivo. A intrínseca proximidade física e social entre o bairro e as oficinas permitiu a compreensão de como se elaboraram e se acederam sentimentos de pertença dos trabalhadores com o espaço de moradia e com a função exercida na empresa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria Paula; FERNANDES, Tânia Maria. O diálogo da História oral com a historiografia contemporânea. In: VISCARDI, Cláudia M. R.; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **História oral: Teoria, educação e sociedade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006, p. 13-32.

ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE. **História de bairros: Regional leste**. Belo Horizonte: APCBH, 2008.

ÁVILA, Rodrigo Pletikoszits. A centralidade do trabalho na formação social da Vila Marzagão. **Revista Mundos do Trabalho**. Santa Catarina, v. 1, p. 65-95. jan./jun., 2009.

BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre Fortes. **Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Lógica e dissonância sociedade de trabalho: Lei, ciência, disciplina e resistência operária. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 6, n.11, p. 7-44, mar. 1985.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce. Espaços privados. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre (Org.). **A invenção do cotidiano – 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990a, p. 203-211.

COSTA, Emília Viotti da. Estrutura versus experiência - novas tendências na história do movimento operário e das classes trabalhadoras na América Latina: o que se perde e o

que se ganha. **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, n.29, 1990, p. 3-16.

COSTA, Hélio da; *et. al.* **Na Luta Por Direitos: Estudos Recentes em História Social do Trabalho**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999 (Coleção Momento).

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: Memória, Tempo e identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GASKELL, George. Entrevistas individuais. In: GASKELL, George; BAUER, Martin W. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**, 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 64-89.

HALL, M. Michel; PINHEIRO, Paulo Sérgio. Alargando a História da Classe Operária: Organização, Lutas e Controle. **Revista Remate de Males**. Campinas, n. 5, 1985, p. 96-120.

HOBBSAWM, Eric J. **Mundo do trabalho** – Novos estudos sobre História operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b.

HORAS de muita confusão. **Diário da tarde**, Belo Horizonte, 15 maio 1989.

LUDTKE, Alf. Sobre los conceptos de la vida cotidiana, articulación de las necesidades y “consciencia proletaria”. **Historia Social**. Instituto de Historia Social U.N.E.D. Valencia Primavera-Verano, n.1, 1991, p.41-60.

MAIA, Andréa Casa Nova. Encontros e despedidas: Trabalho e resistência ferroviária em Minas Gerais. **Revista de História**. São Paulo, n. 21, 2002b, p 129 – 161.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich (Org.). **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1987, página inicial e final.

MOVIMENTO de União dos Ferroviários. **Jornal Informativo**. Belo Horizonte, 1987 a 1996.

NEVES, Magda de Almeida (Org.). **Os trabalhadores de Contagem: Uma História outra, uma outra História**. São Paulo: USP, 1991.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SAMUEL, Raphael. Que és la Historia Social?. **Historia Social**. Instituto de Historia Social U.N.E.D. Valencia Primavera-Verano, n.10, 1991, p. 135-150.

SEGNINI, Liliana R. Petrini. **Ferrovia e Ferroviários**. São Paulo: Cortez, 1982.

SILVA, Leonardo Mello. Sobre algumas influências teóricas na construção de um tema: trabalho e classe trabalhadora na literatura recente. **Revista Mundos do trabalho**, v. 2, n.3, jan.- jul. 2010, p. 181-205.

THOMPSON, Edward Palmer. Algunas observaciones sobre clase y falsa consciencia. **Historia Social**. Instituto de Historia Social U.N.E.D. Valencia Primavera-Verano, n.10, 1991, p. 27-32.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

THOMPSON, Edward Palmer. **Tradición, Revuelta y Consciência de Classe**. Barcelona: Critica, 1979.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa**, 3 v Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.